

Canal Energia – 21/11/2014

Especialistas admitem aumento de emissões, mas minimizam impacto de térmicas

http://www.canalenergia.com.br/zpublisher/materias/Meio_Ambiente.asp?id=104113



O aumento das emissões de gases de efeito estufa resultante da geração intensa de energia termelétrica foi um dos temas discutidos por especialistas do governo e de instituições privadas, durante o Seminário sobre Sustentabilidade no Setor Elétrico Brasileiro, organizado pela Agência Nacional de Energia Elétrica. O assunto foi tratado inicialmente pelo diretor Reive Barros dos Santos, ao afirmar na abertura do evento que o setor contribuiu desde 2013 com o aumento de 7,3% nas emissões, em consequência do cenário hidrológico. "Tivemos que acionar térmicas, o que, infelizmente, contribuiu para esse aumento que não é aceitável", admitiu o dirigente da Aneel.

Alguns dos participantes apresentaram argumentos para mostrar que o acionamento de usinas mais poluentes não tira o mérito de o país ter uma das matrizes elétricas mais limpas do mundo. O presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Sales, admitiu que "as emissões do setor elétrico foram fortemente impactadas nos últimos anos pela situação [de escassez de chuvas] que vivemos, com o acionamento de termelétricas". Sales observou, porém, que a produção de eletricidade, em contraste com o resto do mundo, é muito favorável ao Brasil, porque 75,2% do total produzido é hidreletricidade, enquanto no restante dos países a predominância é do carvão mineral. "Se se optasse por não ter mais nenhuma geração de eletricidade, a contribuição para a redução das emissões hoje seria só de 4% do total", acrescentou o especialista.

O diretor do Departamento de Desenvolvimento Energético do Ministério de Minas e Energia, Jorge Jobim, explicou que um dos motivos para o crescimento nos gases emitidos é que o controle do desmatamento da Amazônia fez com que o setor elétrico aparecesse com um dos novos emissores. O diretor do Departamento de Mudanças Climáticas do Ministério do Meio Ambiente, Adriano Santhiago Oliveira, sustentou que em todos os setores o Brasil tem conseguido cumprir a meta para a redução das emissões. Para o técnico, é preciso desmistificar a ideia de que a geração térmica no Brasil contribui para o aquecimento global, porque o fenômeno "vem de mais longe".

Luiz Fernando Badanham, do Departamento de Planejamento Energético do MME, lembrou que o Plano de Desenvolvimento Energético prevê até 2020 redução de 234 milhões de toneladas de CO2 no setor elétrico, com a diminuição de 868 milhões de toneladas para 634 milhões de toneladas\ano. Badanham lembrou que a participação da área de energia nas emissões é de 37%, mas o peso maior é do consumo de combustíveis fósseis pela indústria e nos transportes.

Um dos principais palestrantes do seminário, o presidente do Instituto Akatu, Hélio Mattar, disse que é preciso uma mudança no modelo civilizatório, com redução do consumo e do desperdício, e com o uso sustentável dos recursos do planeta. Mattar informou que a cada ano 150 milhões de pessoas têm entrado no mercado de consumo de massa, por causa da melhoria nas condições de vida em países emergentes como Brasil, China e Rússia.

Em 20 anos, serão 4 bilhões de pessoas nesse mercado para um só planeta. “Como tornar isso possível em apenas 20 anos? Como fazer isso no setor elétrico? Reduzir é impossível”, afirmou. Para o presidente do Instituto Akatu, o que pode ser feito é apostar em fontes renováveis, melhorar perdas na transmissão e na distribuição, fazer campanhas para o consumidor usar de modo mais eficiente a energia elétrica e repotencializar usinas. “Eu entendo o argumento do governo: 'não chove, tenho que usar termelétrica'. Mas a previsão era de que a térmica seria usada na ponta, e não na base. Vai faltar energia. Não sei quando, mas vai faltar”, disse.

O presidente do Conselho de Administração da Associação Brasileira dos Produtores Independentes de Energia Elétrica, Luiz Fernando Vianna, também defendeu a ampliação dos investimentos em fontes alternativas de energia. Vianna afirmou que a tendência é de que novas fontes alternativas como eólicas e energia solar atraiam cada vez mais investidores. Mas alertou que a rota de expansão atual do sistema, com hidrelétricas a fio d'água e a entrada dessas novas fontes renováveis, cria uma dependência maior do Sistema Interligado em relação às condições climáticas e torna a segurança do sistema mais frágil aos cenários hidrológicos menos favoráveis.

“Qual é a melhor solução para a sustentabilidade e a segurança do sistema e também dos negócios?”, perguntou Vianna. Para o executivo, a resposta talvez seja uma combinação de todas as fontes disponíveis, inclusive de usinas termelétricas, já que Brasil tem uma amplitude de fontes.